



## **No Ceará não tem disso não? Infância, adolescência e mídia no contexto de duas cidades do interior cearense<sup>1</sup>**

Tiago Marques Cavalcante da Fontoura<sup>2</sup>  
Inês Sílvia Vitorino Sampaio<sup>3</sup>  
Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE

### **Resumo**

O presente artigo tematiza e discute a presença da mídia televisiva no cotidiano de crianças e adolescentes do interior do Estado do Ceará. O estudo combina reflexão teórica com a análise de dados empíricos coletados durante a segunda fase da pesquisa “Leituras da Criança e do Adolescente sobre a Qualidade Televisiva e os Sistemas de Classificação Etária”, da qual participaram 60 (sessenta) estudantes do Ensino Fundamental de 02 (duas) escolas públicas e 02 (duas) particulares dos municípios de Aquiraz e Quixadá, localizados, respectivamente no Litoral Leste e no Sertão Central do Ceará. Tendo como base o ponto de vista das próprias crianças e adolescentes, busca-se compreender e analisar as relações que este público estabelece com a TV.

### **Palavras-Chave**

Mídia; televisão; infância; adolescência; interior.

### **Infância, adolescência e televisão: questões para a pesquisa**

A forte inserção das mídias eletrônicas no cotidiano infanto-juvenil é uma característica marcante das culturas contemporâneas (CARLSOON; FELITZEN apud SAMPAIO, 2006). São vários os estudos que analisam tal fenômeno, prevalecendo abordagens sobre os efeitos desse contato com as mídias no comportamento da criança e do adolescente e os impactos econômicos provocados pelo consumo de produtos, jogos e filmes direcionados a esse público.

Dentre as mídias eletrônicas, impressiona, em especial, o potencial de alcance da televisão junto a crianças e adolescentes no mundo. Em diferentes contextos políticos, sociais e culturais, o hábito de ver TV configura-se como uma das principais formas de lazer e entretenimento para esse público.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Sessão Mediações e Interfaces Comunicacionais, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação. 9º semestre do Curso de Comunicação Social da UFC. Bolsista de Iniciação Científica (CNPq/Pibic) do Grupo de Pesquisa das Relações Infância, Adolescência e Mídia (Grim-UFC), e-mail: [tiagomcfontoura@gmail.com](mailto:tiagomcfontoura@gmail.com)

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Professora-doutora do Curso de Comunicação Social da UFC. Nessa mesma instituição, coordena o Programa de Pós-graduação em Comunicação e o Grupo de Pesquisa das Relações Infância, Adolescência e Mídia (Grim-UFC), e-mail: [ines@ufc.br](mailto:ines@ufc.br)



Por essa vasta predominância na rotina diária dos mais jovens, podemos considerar a mídia televisiva como um elo que “aproxima” a experiência da população em idade escolar de países do mundo inteiro, com níveis de desenvolvimento e tradições sócio-culturais bastante variados. Sendo parte considerável de sua programação composta por produtos culturais lançados em escala global, ela oferece aos diferentes públicos a possibilidade de acesso a referenciais comuns presentes nas obras audiovisuais. Ou seja, através da TV, milhões de crianças e adolescentes de regiões “ricas” e “pobres”, urbanas e rurais, assistem a filmes, seriados e animações<sup>4</sup> com os quais dificilmente teriam contato na sua ausência. Nessa perspectiva, em termos simbólicos, a TV representa uma possibilidade concreta de redução das diferenças que separam suas culturas de origem. Como bem afirmam os autores Jesús Martín-Barbero e German Rey (2004):

As mídias de massa, cooptadas pela televisão, se converteram em poderosos agentes de uma cultura-mundo que se configura atualmente da maneira mais explícita na percepção dos jovens e na emergência de culturas sem memória territorial, ligadas à expansão da televisão, do disco ou do vídeo. Culturas que se acham ligadas a sensibilidades e identidades novas: de temporalidades menos “longas”, mais precárias, dotadas de uma plasticidade para amalgamar ingredientes que procedem de mundos culturais muito diversos e, portanto, atravessadas por descontinuidades, nas quais convivem gestos atávicos, resíduos modernistas e vazios pós-modernos (MARTÍN-BARBERO; REY, 2004, p. 43).

De fato, na Contemporaneidade, não somente a experiência televisiva, como também o uso de outros meios de comunicação (telefone celular e computador, principalmente) no dia-a-dia tende a ser valorizado por suas possibilidades de *deslocamento*. “Flutuantes”, essas tecnologias audiovisuais permitem aos usuários realizar amplas jornadas em busca de conhecimento, tendo acesso contínuo a múltiplas informações, sem que seja preciso sair de “casa” para obtê-las. Esse tipo de experiência doméstica em que “todos chegam, sem que tenham de partir” (apud VIRILIO), segundo Martín-Barbero e Rey (2004) têm contribuído para as transformações da nossa percepção espaço-temporal.

---

<sup>4</sup> Em geral, esses são produtos de sucesso comercial criados pela indústria de entretenimento norte-americana e distribuídos também em outros mercados e nações. Daí a importância de questionarmos até que ponto o consumo de desenhos e filmes, em sua maioria, concebidos por um único centro-produtor, pode ou não estar contribuindo para a disseminação de valores culturais hegemônicos entre esse público, como pondera Elza Dias Pacheco (1985) no livro “Pica-pau: herói ou vilão? Representação social da criança e reprodução da ideologia dominante”.



Do *espaço*, aprofundando o *desancoramento* que a modernidade produz em relação ao lugar, desterritorialização dos modos de presença e relação, das formas de perceber o próximo e o longínquo, que tornam mais perto o vivido ‘a distância’ do que aquilo que cruza nosso espaço físico cotidianamente (...) a percepção do *tempo*, no qual se instaura o *sensorium* audiovisual, está marcada pelas experiências da simultaneidade, do instantâneo e do fluxo. (MARTIN-BARBERO; REY, 2004, p. 34-35)

Visando compreender o espaço-tempo midiático no contexto da América Latina, esses autores nos colocam uma questão fundamental para se pensar a televisão e seu público: as mediações que emergem de tal relação. Segundo eles, essa mediação depende bem menos das condições tecnológicas e muito mais do que as pessoas esperam e pedem à mídia.

Isso significa que é impossível saber o que a televisão faz com as pessoas, se desconhecemos as demandas sociais e culturais que as pessoas fazem à televisão. Demandas que põem em jogo o contínuo desfazer-se e refazer-se das identidades coletivas e os modos como elas se alimentam de, e se projetam sobre, as representações da vida social oferecidas pela televisão. (MARTÍN-BARBERO; REY, 2004, p. 41)

O foco no processo de *recepção*<sup>5</sup> é por sua importância, segundo Mônica Cristine Fort (2005), desenvolvida nos estudos de Pedro Gilberto Gomes e Denise Cogo no livro *Televisão, Escola e Juventude*. Nele, os autores argumentam que em vez de abordar o que a televisão faz com a audiência, é preciso entender o que a audiência faz com a televisão.

A investigação em recepção afirma-se como um enfoque da pesquisa em comunicação que se guia, por um lado, pela compreensão sobre o que fazem os públicos com os meios de comunicação de massa, como a televisão, e as mensagens que emitem e, por outro lado, o papel que desempenham a cultura e as instituições sociais na mediação dos processos de recepção (FORT apud GOGO; GOMES, 2006, p. 77)

Um estudo que pretenda lançar um olhar sobre o cotidiano da criança e do adolescente e sua relação com a TV, tende a ganhar maior representatividade quando leva em consideração os pontos de vista dos sujeitos que estão diretamente envolvidos nesse processo, e não somente as leituras que especialistas costumam fazer sobre tais vivências.

Cada vez mais se reconhece a importância de incorporar as crianças na pesquisa, não apenas como objetos de investigação, mas como atores

---

<sup>5</sup> Também denominada *Investigação em recepção*, essa é uma perspectiva de estudo da área da Comunicação que surge na década de 1980, sendo adotada por pesquisadores da Europa e América Latina como, por exemplo, Jesús Martín-Barbero e Guillermo Orozco.



importantes no próprio processo de investigação. Essa questão, para a qual nos chamou a atenção Martins (1991) já há vários anos, tem resultado em estudos que contribuem para compreender as várias infâncias, acrescentando às discussões as visões das próprias crianças e não apenas dos que as observam (DEMARTINI, 2006, p. 113).

Essa compreensão das várias infâncias destacada por Zeila Demartini (2006) nos leva a destacar a importância de que sejam considerados nos processos de análise os diferentes contextos culturais e regionais em que esses sujeitos estão inseridos. Esta é também uma das motivações para investigarmos realidades distintas em nossa pesquisa.

O artigo apresenta um pequeno recorte no âmbito de uma pesquisa mais extensa acerca das “Leituras da Criança e do Adolescente sobre a Qualidade Televisiva e os Sistemas de Classificação Etária”, desenvolvida pelo Grupo de Pesquisa das Relações Infância, Adolescência e Mídia (GRIM-UFC)<sup>6</sup> no período de agosto de 2005 a julho de 2008. A pesquisa de campo foi feita com a participação de 120 (cento e vinte) estudantes do Ensino Fundamental no Ceará. Desse total, 60 (sessenta) residem na capital, Fortaleza, e outros 60 (sessenta) em duas cidades do interior do Estado: Aquiraz e Quixadá. Neste artigo, priorizaremos a análise dos dados coletados com o grupo do interior nos meses de novembro de 2007 e fevereiro de 2008, haja vista a relevância de conhecer melhor a realidade de nossas crianças e adolescentes para além dos grandes centros urbanos, como tem sido usual nas pesquisas sobre o tema.

### **Público cativo: televisão e cotidiano infanto-juvenil no interior do Ceará**

Através do recurso do questionário<sup>7</sup>, aplicados em 60 (sessenta) estudantes residentes nas cidades de Aquiraz e Quixadá, foi possível levantar o perfil das crianças e adolescentes participantes da pesquisa e sua relação com o contexto comunicacional.

A primeira parte do questionário buscava compreender os hábitos e as preferências que caracterizam o consumo de mídia desse público. Já na primeira questão, o estudante era convidado a responder, dentre seis opções indicadas (jornal, revista, televisão, rádio, computador, celular) e uma sétima aberta (outros), com quais

---

<sup>6</sup> A pesquisa conta com financiamento do CNPq e é coordenada pela Profa. Inês Vitorino. Integram a equipe do projeto os Professores Andréa Pinheiro (UNIFOR) e Nonato Lima (UFC), o bolsista do CNPq/Pibic Tiago Fontoura e a pesquisadora voluntária Ilíada Damasceno.

<sup>7</sup> O modelo de questionário aplicado é composto por um total de 35 perguntas (entre questões abertas e fechadas), agrupadas em 4 sessões: A. Consumo Geral de Mídia (hábitos e preferências); B. Critérios de Qualidade; C. Sistema de Classificação em vigor no País; D. Sistema de Classificação dos pais. Pelo grande número de dados quantitativos coletados, este artigo apresenta parte das informações acerca do contato das crianças e adolescentes de Aquiraz e Quixadá com a mídia televisiva.



meios de comunicação ele ou ela mantinham maior contato no dia-a-dia. A televisão apareceu em primeiro lugar, sendo citada por todos os entrevistados (100%), seguida do celular (47%), do computador e do rádio (ambos com 43%). Ao analisar essa questão pelo fator classe social, isto é, considerando as respostas de alunos de escolas públicas e particulares, nota-se uma grande diferença quanto ao uso do computador. Na escola pública, apenas 17% disseram ter acesso a esse meio de comunicação, enquanto na escola privada este número chega a 70% dos entrevistados.

Considerando então que todos os participantes da pesquisa mantêm contato com a mídia televisiva no dia-a-dia, as questões seguintes cumpriram o objetivo de mensurar as condições de acesso desse público ao conteúdo que circula na TV pela quantidade de aparelhos televisivos existentes em seus lares e se a criança ou adolescente possui ou não televisão em seu quarto. A maioria revelou ter um (38%) ou dois (38%) aparelhos televisivos dentro de casa, sendo que para 63% dos respondentes o lugar onde fica a TV não é o próprio quarto. Importante ressaltar que não encontramos nenhum caso em que o aparelho televisivo não estivesse presente dentro de casa.

Questionados sobre a frequência com que assistem TV, 88% dos estudantes afirmaram que o fazem todos os dias da semana. O local onde mais se assiste é a própria casa, segundo 93% dos entrevistados. E embora a residência seja compartilhada com outros membros da família, para 47% das crianças e adolescentes o hábito de ver televisão se faz sozinho. Quando há companhia, ela é representada pelos irmãos (37% das respostas) e pelos pais (13%). Vale destacar que, entre as crianças de 2º ao 5º ano, somente 3% citaram a companhia dos pais como sendo constante. A maior parte delas, com idade variando entre 6 e 10 anos, costuma assistir TV sozinha (43%) ou com os irmãos (40%).

A questão seguinte permitia que a criança ou o adolescente escolhesse os tipos de programas<sup>8</sup> de sua preferência. O filme (90%) e o desenho animado (87%) ganham destaque nas respostas desse público, que também afirma gostar de novelas (60%) e programas de humor (52%). Interessante observar que o desenho animado consegue se manter como preferência em classes sociais distintas, em ambos os sexos e nas duas faixas etárias.

Na tentativa de compreender os critérios de qualidade utilizados por crianças e adolescentes para julgar a programação televisiva, eles foram instigados a qualificar o

---

<sup>8</sup> As opções indicadas por essa questão foram: Jornalismo; Propaganda; Novela; Filme; Desenho Animado; Vídeo-Clipe; Programa de Auditório; Programa de humor; e outros.



que para eles seria um bom programa. As respostas foram agrupadas em categorias, permitindo identificar que, na percepção das crianças e dos adolescentes analisados, um bom programa<sup>9</sup> é aquele que tem diversão (60%), é educativo (27%), apresenta desenho (13%) e tem ação (10%).

Questionados se a televisão oferece bons programas, 97% consideram que sim. A maior parte desses bons programas, na opinião de 79% dos entrevistados encontra-se na TV Aberta. A presença da TV a cabo<sup>10</sup> em casa é exclusividade para 15% dos entrevistados. A grande maioria (85%) costuma ter acesso somente à programação veiculada pela TV Aberta. Nesta, o canal preferido é a Rede Globo (60% de preferência), seguida pelo SBT e pela Rede Record com 17% e 15% de preferência, respectivamente. Para os estudantes que tem acesso à TV por assinatura, seja em casa ou no ciclo de convivência mais próxima (residência de avós, tios, amigos), os canais citados como sendo os favoritos são *Nickloaden* e *Cartoon Network*, cuja maioria da programação é composta por desenhos animados.

A questão da qualidade na TV foi, ainda, considerada pelos estudantes em uma outra questão na qual foram estimulados a classificarem a programação como boa, ruim ou péssima, de acordo com a sua opinião sobre: 1-os programas que costumam passar na televisão; 2-os programas que ele, estudante, assiste; 3-e os programas assistidos pelos amigos. Surge aqui uma diferença entre as leituras que as crianças e adolescentes fazem sobre a programação assistida por eles próprios, classificada como boa por 92% dos entrevistados, e a programação assistida por amigos, vista como positiva por uma parcela bem menor dos estudantes (63%).

A solicitação para que o estudante citasse três exemplos de bons programas já vistos na televisão resultou em um total de 173 respostas, havendo casos em que somente uma ou duas opções foram citadas. Os dez programas mais citados encontram-se listados na Tabela 1.

---

<sup>9</sup> Nessa questão também foram mencionadas, com percentual inferior a 10%, as seguintes categorias: luta, aventura, envolvimento, esperança, respeito, ausência de imoralidade.

<sup>10</sup> Durante a aplicação dos questionários em Quixadá, parte dos alunos da rede pública não sabia do que se tratava a modalidade de TV a cabo. Esta, em mais de uma entrevista, chegou a ser confundida com a tecnologia da antena parabólica, que retransmite um maior número de canais com melhor qualidade no sinal.

**Tabela 1 – Bons programas**

Top 10	Nome do programa	Canal	%
1	TV XUXA	Globo	15%
2	PICA-PAU	Record	13%
3	TV GLOBINHO	Globo	12%
4	CHIQUITITAS	SBT	8%
5	SHOW DO TOM	Record	8%
6	BIG BROTHER	Globo	7%
7	CHAVES	SBT	7%
8	JACKIE CHAN	Globo	7%
9	JORNAL NACIONAL	Globo	7%
10	SÍTIO DO PICA-PAU AMARELO	Globo	7%

Figuram nessa lista, programas exibidos pelos canais da TV Aberta, dos quais seis são transmitidos pela Rede Globo de Televisão, dois pelo SBT e dois pela Rede Record. Três programas (Pica-pau, Chiquititas e Chaves), embora não sejam mais produzidos atualmente, continuam a agradar o público infanto-juvenil do interior por meio de suas reprises. Chama a atenção também o aparecimento do *reality show* Big Brother Brasil e do Jornal Nacional, duas produções da Rede Globo com temática voltada para o público adulto, mas que encontram aceitação do público jovem. Em comum, os dez programas mais citados fazem parte da programação nacional, isto é, são programas exibidos nas cinco regiões do País.

A consulta sobre programas ruins ou péssimos resultou em 157 respostas. Como podemos ver na Tabela 2, a lista com as dez opções mais citadas inclui programas de jornalismo (Jornal Nacional, Jornal do Dez, Jornal da Record e a classificação genérica “Jornal”), novelas (Caminhos do Coração, Duas Caras) e programas “policiais” (Cidade 190, Rota 22 e Barra Pesada).

**Tabela 2 – Programas ou péssimos**

Top 10	Nome do programa	Canal	%
1	BARRA PESADA	SBT	15%
2	CIDADE 190	Record	13%
3	CAMINHOS DO CORAÇÃO	Record	8%
4	JORNAL NACIONAL	Globo	7%
5	ROTA 22	TV Diário	7%
6	FILMES DE LUTA	-	7%
7	JORNAL	-	5%
8	JORNAL DA RECORD	Record	5%
9	JORNAL DO DEZ	Globo	5%
10	DUAS CARAS	Globo	5%



Nesta lista, há destaque para a programação regional, com a presença de produções locais, como *Jornal do Dez* (produzido pela TV Verdes Mares, emissora cearense filiada à Globo), *Barra Pesada* (produzido pela TV Jangadeiro, emissora cearense filiada ao SBT), *Cidade 190* (produzido pela TV Cidade, emissora cearense filiada à Record) e *Rota 22* (produzido e transmitido pela TV Diário, emissora cearense). Estes três últimos são exemplos de programas que trazem como pauta diária a cobertura explícita dos casos de violência no Ceará, com destaque para os acontecimentos ocorridos em bairros da periferia da capital Fortaleza. As novelas (*Caminhos do Coração* e *Duas Caras*) também são destacadas como exemplo de programa ruins ou péssimos para esse público.

Com o propósito de aprofundar as questões levantadas pelo questionário, a pesquisa qualitativa foi empreendida com a realização de 04 grupos focais na cidade de Quixadá e outros 04 grupos na cidade de Aquiraz. Por meio da gravação em áudio e posterior transcrição das discussões, tornou-se possível uma primeira análise das falas das crianças e adolescentes de cada cidade no que diz respeito ao contato com a televisão em seu dia-a-dia.

### **Leituras da TV em Quixadá**

A predominância da TV no cotidiano é reconhecida pela maioria dos estudantes<sup>11</sup>, quando estes confirmam assisti-la “muito”. Com o objetivo de explorar essa informação, pedimos então que eles relatassem como costuma ser sua rotina quando não estão na escola<sup>12</sup>. Eis alguns exemplos:

- Quando eu chego em casa, aí eu vou trocar roupa, aí eu tomo banho, logo de tarde, vou assistir televisão. (Marcelo, 2º-5º ano/ E. Pub./ Quixadá)
- Volto às onze horas. Depois vou assistir televisão. Aí depois de eu assistir televisão, quando dá duas horas, eu acordo minha mãe, aí ela vai me banhar, pra mim ir pro meu reforço. (Henrique, 2º-5º ano/ E. Priv./ Quixadá)
- Aí quando eu volto eu pego o meu almoço e aí eu vou almoçar lá no quarto da minha mãe. Aí eu fico assistindo e comendo. Aí quando termina, eu vou botar o prato lá em cima da mesa, porque quando é três horas, eu vou pro reforço e volto cinco horas. Aí eu vou assistir de novo, e quando é de noite, eu vou assistir televisão. (Juliana, 2º-5º ano/ E. Priv./ Quixadá)

---

<sup>11</sup> Neste artigo, os estudantes são identificados com o uso de pseudônimos. Este é um recurso utilizado para tratar de forma ética com os sujeitos colaboradores da pesquisa, além de fazer cumprir as normas legais de proteção à criança e ao adolescente.

<sup>12</sup> Escola Pública: E. Pub. / Escola Privada: E. Priv.





Apesar de mais contidas, as falas dos estudantes da escola pública sobre a própria rotina costuma apresentar o hábito de ver televisão como atividade prioritária em seu tempo livre. Enquanto que, entre os estudantes da escola privada, o consumo de TV costuma ser conciliado com atividades obrigatórias (o “dever”, a “tarefa”, o “reforço”) ou não (o “ballet”, o “inglês”, o “computador”).

- Tomo banho, almoço, assisto um pouquinho de televisão, vou fazer o dever, estudar, depois eu tomo banho, vou pro ballet, quando é dia de ballet. Quando é dia de inglês, eu vou pro inglês. Quando eu chego, eu vou brincar. E quando é mais ou menos nove e meia, nove horas, eu assisto televisão. (Luana, 2-5º ano/ E. Priv./ Quixadá).

O fato de assistir televisão sozinho, revelado pelos dados colhidos com o questionário, é uma questão retomada nos grupos focais e chega a ser a preferência de alguns estudantes, como Caio (2º-5º/ E. Pub./ Quixadá), quando ele afirma que sem outras pessoas por perto, o ambiente “fica mais calmo” e, portanto, mais propício para se assistir à TV. A questão do “barulho” é também ressaltada por Aline (2º-5º/ E. Pub / Quixadá) que prefere assistir com a irmã mais nova porque quando os pais estão presentes, “fica muita zoadá”. Ainda assim, existem exceções, como Joana (2º-5º ano / E. Pub./ Quixadá), que gosta de assistir TV com a mãe e o pai por ser este o momento em que pode desfrutar da companhia de ambos, quando eles estão em casa e não no trabalho. Para a maior parte dos estudantes participantes desse grupo focal, quando os pais estão por perto, a definição sobre qual programa assistir costuma ser uma decisão do adulto.

As crianças também foram questionadas sobre a importância da TV em sua rotina e se eles acham que a televisão é capaz de ensinar ou repassar algum tipo de conhecimento. A indagação sobre esse potencial pedagógico dialoga com a hipótese levantada por Rosa M. B. Fischer (2002), de que a televisão atua decisivamente na formação e na constituição dos sujeitos contemporâneos. Segundo essa autora, a TV não é somente um simples eletrodoméstico que manuseamos, mas “parte integrante e fundamental de complexos processos de veiculação e de produção de significações, de sentidos, os quais por sua vez estão relacionados a modos de ser, a modos de pensar, a modos de conhecer o mundo, de se relacionar com a vida” (FISCHER, 2002, pg. 152).

Para algumas das crianças, a visão sobre o papel formativo da TV é cercada de dúvidas, sendo mais ressaltado o poder de entretenimento desse meio.



- É eu acho muito legal, a televisão. Ela, deixa eu ver aqui, ela, ensina assim, ela não ensina, ela... A pessoa gosta assim dos desenhos porque ela é engraçada, aí eu gosto. (Clarissa, 2-5º ano / E. Pub. / Quixadá).

Há, porém, casos em que, além de entreter, o meio televisivo é também reconhecido por sua função pedagógica. Relatos como os de Aline e Jorge, sobre o que aprenderam com o desenho animado *Jackie Chan*, merecem ser destacados.

- Eu aprendi que quando o menino bate em mim, eu bato também. (Aline, 2º-5º ano/ E. Pub./ Quixadá)  
- Eu aprendi, é, a lutar karatê com a televisão. (Jorge, 2º-5º ano/ E. Pub./ Quixadá)

As falas acima destacadas demonstram que o aprendizado por intermédio da televisão pode ser vivenciado de inúmeras formas e ser objeto de diferentes leituras. Expressões como “bater” e “lutar”, que simbolizam atos de violência, interpretados no discurso adulto sobretudo pelo caráter negativo, na fala das crianças adquirem uma conotação positiva, representando uma estratégia de defesa (na fala de Aline) e a prática de uma arte marcial (na fala de Jorge), respectivamente. A busca de uma resolução de conflitos não-violenta, no caso da primeira questão, não aparece sequer no horizonte deste aprendizado.

No grupo focal de crianças e adolescentes de 6º a 9º ano da Escola Pública, que estudam no período vespertino, não é incomum que as crianças acordem e sigam direto para a televisão.

- Quando eu acordo, eu assisto desenho, aí depois do desenho, vou pro colégio. (Julio, 6º-9º/ E. Pub./ Quixadá)  
- De manhã, eu assisto desenho, aí, à tarde, eu venho pro colégio e à noite eu assisto as novelas e alguns programas quando eu não tô com muito sono (risos). (Mariana, 6º-9º / E. Pub./ Quixadá)

Neste grupo, a citação dos desenhos animados como programação preferida é justificada pelo fato de serem “engraçados”. Já os filmes aparecem também na lista de preferências por apresentarem “aventuras” e “descobertas”. Nessa faixa etária (6º-9º ano), o aprendizado proporcionado pela televisão passa a ser representado por temáticas de caráter educacional. Para os alunos da Escola Pública de Quixadá, por exemplo, a televisão é capaz de ensinar sobre “solidariedade”, “aquecimento global” e “biodiversidade”, entre outros assuntos de interesse da coletividade. Para os alunos da



Escola Privada, a TV ensina porque mostra a “realidade”, além de trazer informações sobre conteúdos que são vistos em sala-de-aula.

- A solidariedade eu aprendi no Criança Esperança. Você tem que ter solidariedade com as outras pessoas que estão necessitando. (Lara, 6º-9º ano/ E. Pub./ Quixadá)
- É, ela mostra a realidade, né. E mostra o que tá acontecendo tanto no Brasil quanto no mundo. (José, 6º-9º ano/ E. Priv./ Quixadá)
- Uma vez eu tava mudando de canal, aí de repente apareceu uma manchete, no jornal. Aí foi bem sobre a matéria que eu tava estudando. Aí eu aprendi mais pela TV do que pelo livro. (Larissa, 6º-9º ano/ E. Priv./ Quixadá)

Para alguns, contudo, a programação televisiva nem sempre ensina coisas boas. Os aspectos negativos mais ressaltados tanto por estudantes da escola pública como os da escola particular são a “violência” e a “criminalidade”, presentes nos jornais e nas novelas.

- Esse negócio de crime, de assalto. É, seqüestro. É mortes, matando... guerra. (Carla, 6º-9º ano/ E. Pub./ Quixadá)
- Tem uma novela, que eu acho que passou no SBT, ela já começou com briga, gente sendo esfaqueada, tiro, criminalidade. (Mateus, 6º-9º ano/ E. Pub./ Quixadá)
- Tem um programa, que ontem, meu tio, minha mãe tavam assistindo, era um programa tipo a novela Vidas Opostas, começa a assistir, passa muita violência... então isso tem gente que acha legal, mas eu não gosto. (Luisa, 6º-9º ano/ E. Priv./ Quixadá)

Acima, a declaração de Luisa expressa descontentamento em relação a um programa assistido por adultos com quem ela convive. Nesse caso, a companhia da mãe e do tio dentro de casa<sup>13</sup> não chega a resguardá-la da exposição a um conteúdo ou programação inadequada.

### **Leituras da TV em Aquiraz**

No município de Aquiraz, a televisão está presente em boa parte do tempo das crianças e adolescentes, sendo o desenho o gênero confirmado como preferido no grupo focal realizado com estudantes de 2º a 5º ano da Escola Pública.

---

<sup>13</sup> Este parece ser um exemplo de lar em que a escolha sobre qual programa assistir nos momentos em que todos estão reunidos em frente à TV costuma ser comandada por um adulto que atende aos seus interesses em detrimento do que é adequado ou não à idade da criança.



- Eu vejo TV de manhã até de noite. (Joaquim, 2º-5º ano / E. Pub / Aquiraz)
- Eu assisto desenho três horas por dia. (Victor, 2º-5º ano / E. Pub./ Aquiraz)

Ao serem indagados sobre a companhia de outras pessoas na hora de assistir televisão, os estudantes afirmaram que, quando existente, ela é representada por outras crianças (irmã, vizinha, primo). A presença dos pais ou de um adulto somente foi citada quando o tema da conversa chegou às novelas.

No decorrer dessa discussão, a fala de uma estudante de que assiste televisão “quando não tem nada melhor pra fazer” provocou risos entre o grupo e nos levou a questionar o que eles costumam fazer quando não estão de frente para a telinha.

- Eu jogo de bola, gosto de descer no morro... pega-ladrão. (Gustavo, 2º-5º ano/ E. Pub/ Aquiraz)
- Eu vou para a praia. (Renata, 2º-5º ano / E. Pub./ Aquiraz)
- Barbie, boneca. (Ticiano, 2º-5º ano/ E. Pub/ Aquiraz)
- Às vezes quando eu não tenho nada pra fazer eu gosto de ir na lan-house. (Fábio, 2º a 5º ano/ E. Pub/ Aquiraz)

A ida à *lan-house* exemplifica o interesse de estudantes da escola pública em buscar contato com o computador, utilizado como ferramenta para outra forma de lazer: os jogos eletrônicos.

Na Escola Privada, os estudantes de 2º a 5º ano afirmam também assistir TV por várias horas do dia. É bastante comum, entre esse público, o hábito de alugar filmes para assistir em casa. Tanto que na preferência deles são citados os filmes de ação e terror. Sobre os filmes de terror, uma das meninas diz gostar de assistir sozinha.

- Eu assisti em DVD, porque eu gosto. Eu desligo todas as luzes, deixo só a luz da televisão. (Vanessa, 2º a 5º ano/ E. Priv/ Aquiraz)

O consumo de filmes também aparece na discussão realizada com crianças e adolescentes do 6º ao 9º ano da Escola Pública, que afirmaram ter assistido filmes como *Tropa de Elite*<sup>14</sup> na presença de tios e primos. Nesse grupo, as estudantes também comentaram ter assistido às novelas (*Duas Caras e Sete Pecados*) por causa das cenas românticas e das cenas de comédia, respectivamente. O *reality show Big Brother Brasil* também foi tido como preferido de uma das adolescentes desse grupo por conta das “festas” e das “brigas”, que acirram a competição entre os participantes desse programa.

---

<sup>14</sup> Em novembro de 2007, época de realização deste grupo focal, o filme *Tropa de Elite* ainda não havia sido lançado oficialmente em DVD. O uso doméstico, até então, era efetivado através de cópias piratas.



Em Aquiraz, o *Big Brother* também constitui um programa com audiência do grupo de adolescentes da Escola Privada. Um deles, de 14 anos, embora conhecedor da classificação etária (18 anos) desse programa, nem por isso deixa de assisti-lo, como também o faz com outros programas que passam de madrugada.

- Rapaz, eu vou dormir 2 horas da manhã, três horas, assistindo à televisão.  
-Depois eu me acordo, só tomo banho, pra almoçar e vir pra escola.  
(Alexandre, 6º-9º ano / E. Priv./ Aquiraz)

. Quando perguntamos sobre a importância da TV na vida dos adolescentes, alguns destacaram o caráter informativo de sua programação. E embora os jornais sejam fontes para isso, um dos adolescentes classificou como “paia”<sup>15</sup> os programas de jornalismo policial - Barra Pesada, 190 e Rota 22, considerados como sendo inadequados para o horário.

### **Considerações finais**

A televisão alcança as mais distintas localidades do território brasileiro, mas ainda são escassas as abordagens acadêmicas que buscam compreender a incidência desta no cotidiano do público afastado das grandes cidades e, em especial, do público infanto-juvenil que, apesar das particularidades de cada contexto, costuma ser bastante fiel a essa mídia.

Em nossa pesquisa, foi possível perceber indícios marcantes dessa fidelidade em relação à televisão antes mesmo do contato com as crianças e adolescentes, com base apenas nas conversas preliminares com a direção das escolas de Aquiraz e Quixadá. Trata-se de um tema que é fonte de preocupação para o corpo pedagógico dessas instituições, que considera o tempo de exposição à TV como sendo excessivo e prejudicial para a formação dos jovens.

Esta análise inicial dos dados colhidos na pesquisa permitiu identificar como aspecto comum entre as crianças e adolescentes das duas cidades que a televisão constitui sua mídia preferida, que o hábito de assisti-la é pouco acompanhado pelos pais e que a qualidade neste meio costuma estar relacionada à diversão e entretenimento propiciados pelos programas.

---

<sup>15</sup> Expressão utilizada como atributo negativo.



Entre as diferenças identificadas, consideradas as realidades da escola pública e privada, podemos destacar a reduzida opção de programas nos canais abertos por parte das crianças e adolescentes da escola pública em contraste com o consumo diversificado de filmes disponíveis nas locadoras e exibidos pela TV por assinatura, oportunizados pela condição econômica das famílias dos estudantes da escola privada.

A maior parte do público infanto-juvenil de Aquiraz e Quixadá estabelece uma relação afetuosa com os programas de televisão preferidos. O que não significa dizer que não existam também conflitos, principalmente, quando se ressaltam diferenças entre o interesse da criança e o interesse de uma pessoa adulta. Neste caso, os dados revelam que, em alguns casos, a simples presença de um adulto não é garantia de que esta será protegida da exposição às programações inadequadas à sua idade. Esta é uma questão que se articula com a discussão sobre os conteúdos adequados e inadequados que dão origem à classificação indicativa da programação televisiva, a ser aprofundada em futuros artigos desta pesquisa.

## REFERÊNCIAS

CASTRO, L. R. A infância e seus destinos no contemporâneo. In: **Psicologia em Revista**. Belo Horizonte, v. 8, n. 11, p. 47-58, 2002.

DEMARTINI, Z. B. F. Infância e imigração. In: Freitas, Marcos Cezar (Org.) **Desigualdade social e diversidade cultural na infância e juventude**. São Paulo: Cortez, 2006.

FISCHER, R. M. B. **Televisão e educação: fruir e pensar a TV**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

\_\_\_\_\_. O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV. In: **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v.28, n.1, p.151-162, 2002.

FORT, M. C. **Televisão educativa: a responsabilidade pública e as preferências do espectador**. São Paulo: Annablume, 2005.

MARTIN-BARBERO, Jesús; REY, German. **Os exercícios do ver: ficção televisiva e hegemonia audiovisual**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2004.



SAMPAIO, I. S. V. Classificação Indicativa: são adequados os nossos critérios? In **Classificação Indicativa no Brasil: desafios e perspectivas**. Brasília: Secretaria Nacional de Justiça, 2006.

\_\_\_\_\_ ; CAVALCANTE, Andrea; ALCÂNTARA, Alessandra (orgs). **Mídia de Chocolate: ensaios sobre a relação infância, adolescência e comunicação**. Rio de Janeiro: E-papers, 2006.

PACHECO, E. D. **O Pica-pau: herói ou vilão? Representação social da criança e reprodução da ideologia dominante**. São Paulo: Edições Loyola, 1985.